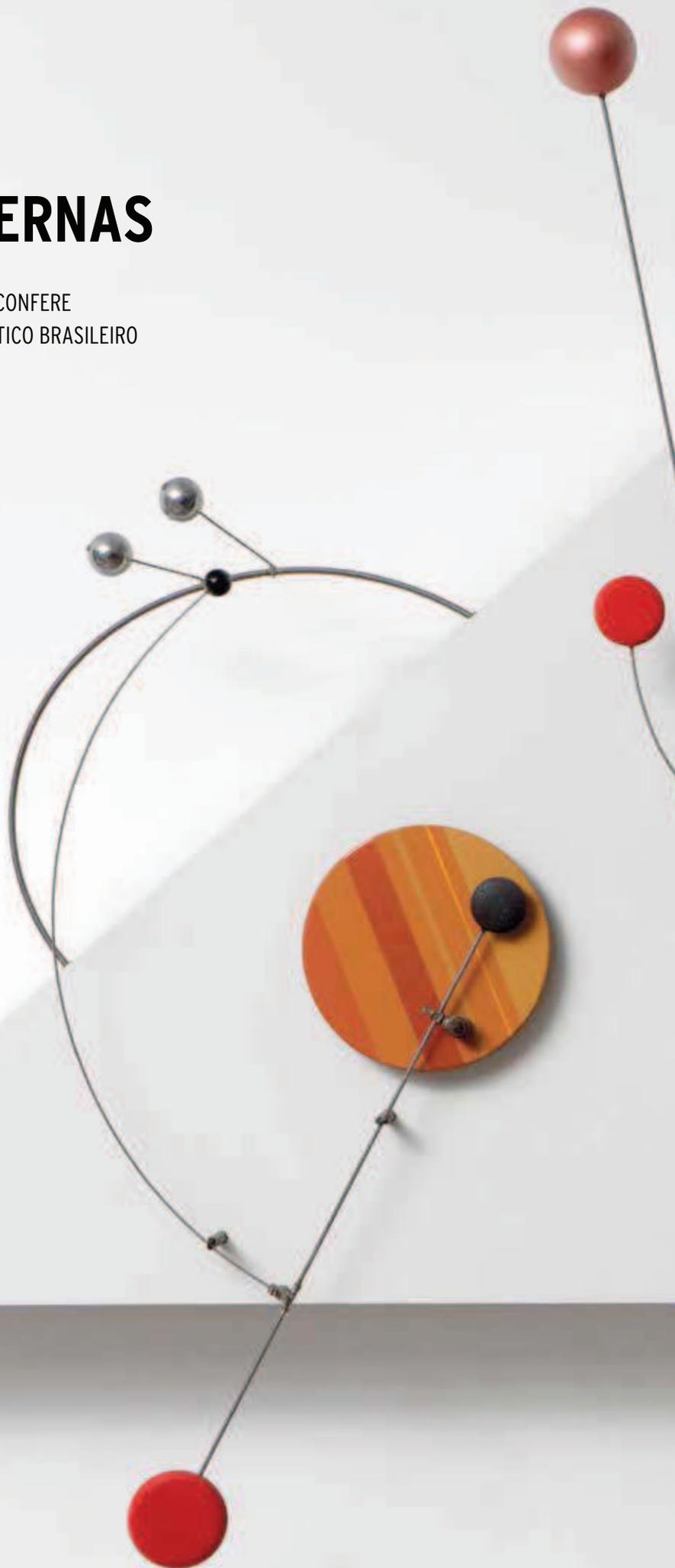


ARTISTA PALATNIK

# ENGENHOCAS MODERNAS

COM A CURADORIA DE FREDERICO MORAIS, SÃO PAULO CONFERE  
A OBRA DE PALATNIK, O PIONEIRO DO MOVIMENTO CINÉTICO BRASILEIRO

POR FRANCISCO ALAMBERT





OBJETO CINÉTICO K-06, 1966, MADEIRA,  
FÓRMICA, ÍMÃS, METAL, MOTOR E TINTA  
INDUSTRIAL ED 4/5, 72 X 96 X 16 CM



ACRÍLICA SOBRE MADEIRA W-413, 2012, 113 X 167,5 CM



PROGRESSÃO KA-40,  
1988-1990. ACRÍLICA  
SOBRE TELA ED UNIQUE  
130 X 180 CM

**PODER-SE-IA DIZER** sobre Palatnik o mesmo que Mario Pedrosa disse sobre Alexander Calder (o outro gênio das mais deslumbrantes engenhocas do Modernismo): trata-se de um pintor do espaço. Mas o artista brasileiro criou algumas novidades em relação ao mestre com o qual pode muito bem ser comparado, ele construiu o que muitos viram como “móviles luminosos”.

Mais coisas aproximam esses criadores raros da arte moderna. Como o engenheiro-artista norte-americano, o brasileiro sente-se à vontade no contato direto com o povo. Desde muito cedo, Palatnik renunciou ao famoso “não me toques” das obras de arte em sentido tradicional (e de quebra antecipou o conceito de participação do Neoconcretismo ou da arte “contemporânea”). Seus trabalhos mais famosos poderiam estar tanto em um “mafuá” quanto em uma galeria e agradar não apenas ao “público bestalhão” (como dizia Pedrosa sobre Calder). De fato, em Calder ou em Palatnik não há nenhum esnobismo.

Entre nossos grandes artistas do século XX (ou do XXI), Palatnik tem um lugar muito especial dentro da mais generosa das utopias modernistas:

aquela que desejava que a arte se tornasse parte de uma sociabilidade futura liberada, que se confundisse com as atividades cotidianas desse mundo modernizado, porém mais humano do que antes fora. A arte de Palatnik é uma construção da imaginação em liberdade, caminhando em direção à vida, ao mundo cotidiano. É o grande exemplo do exercício experimental da liberdade, antes de a ideia ser sintetizada justamente por Mario Pedrosa.

A trajetória de Palatnik é das mais fascinantes aventuras da arte brasileira (e não apenas daqui). Já em 1951, na 1ª Bienal de São Paulo, em meio aos debates acalorados que dividiam figurativos e abstratos, aquele jovem artista (filho de judeus imigrantes e que se formou engenheiro em Israel) aparecia com estranhíssimos aparelhos de luz e cor, acionados por centenas de metros de fios, que Mario Pedrosa iria chamar cinecromáticos. Daí para diante, essas obras que compunham intrigantes afrescos de luz constariam frequentemente das Bienais, de São Paulo ou de Veneza. E mundo afora. Sozinho, Palatnik antecipava temas e formas que eclodiriam e se desdobrariam nas

experiências espaciais do Concretismo e do Neoconcretismo, como também fundava, de maneira atual, a vertente tecnológica na arte brasileira. Não apenas aqui, mas em qualquer outra parte do mundo, as pesquisas pioneiras de Palatnik o colocam na vanguarda dos trabalhos sobre luz e movimento, coisa que boa parte da crítica menos provinciana reconhece.



OBJETO CINÉTICO CK-8, 1966-2005

Mas não foi apenas libertando a cor no espaço e controlando o tempo que ele desenvolveu seu trabalho. A multiplicidade de sua pesquisa, bem como sua coerência, é impressionante. Já em 1953, na mitológica I Exposição Nacional de Arte Abstrata, no Hotel Quitandinha, no Rio de Janeiro, apresentou suas pinturas sobre vidro. Nas décadas seguintes, desdobrou seu trabalho na direção de uma série de proposições perceptivas, geralmente envolvendo noções de jogo, incluindo a madeira em seus "relevos progressivos" e diversas máquinas, engenhocas e objetos lúdicos, aos quais foram adicionados, mais recentemente, cordões e telas (retomando a pintura na superfície, quando menos se esperava isso de um artista como ele). Tão inusitadas quanto suas máquinas são suas pinturas do final dos anos 1980, como aquelas feitas em duco sobre cartão e reunidas em uma caixa de madeira, funcionando como se fosse uma coleção portátil ou um minimuseu pedagógico para entender a aventura concretista brasileira.

A retrospectiva na Galeria Nara Roesler dessa obra luminosa, engraçada, engenhosa e acessível ao mesmo tempo será certamente uma das mais importantes exposições do ano. A obra de Abraham Palatnik é um monumento do melhor que pudemos criar em nossa aventura modernista. Ela fala a todos, ela se atualiza constantemente. Ao mesmo tempo, servirá perfeitamente como teste e contraponto para se julgar as "poéticas" contemporâneas apresentadas pela Bienal atualmente em cartaz.

Outro aspecto torna essa exposição também um acontecimento. A "curadoria", se é que se pode chamar assim, é feita por outra figura decisiva na arte brasileira das últimas décadas do século passado: o crítico Frederico Morais. Junto com Pedrosa e mais recentemente com outro importante crítico também carioca, Luiz Camillo Osorio (que dedicou a Palatnik um belo estudo), Morais atuou quase como um parceiro das invenções e dos caminhos desse engenheiro-poeta.

A cumplicidade reflexiva entre artista e crítico, também uma herança moderna que a dinâmica curatorial pós-moderna substituiu pela cumplicidade meramente espetacular, será certamente outra lição para se tomar em meio às parafernâlias lúdicas, mirabolantes, inebriantes e livres que só Palatnik soube nos dar.

GALERISTA MARIANA MARTINS



MARIANA MARTINS, 54 ANOS,  
ARTISTA PLÁSTICA E PROPRIETÁRIA  
DA CHOQUE CULTURAL